

152 Ace  
ISA

Preparado pela antropóloga Rj. Redenção

CEDI - FIC  
DATA 22 10 87  
CÓD. R/D 50

### OS KAIAPÓ

A população indígena brasileira é estimada, hoje, em cerca de 220.000 índios. Entre estes estão os Kaiapó, índios do tronco linguístico Jê e que habitam as áreas dos rios Tocantins e Xingu, no sul do estado do Pará.

Nos tempos passados, os índios Kaiapó eram nômades e dividiam-se em dois grupos, os Kaiapó do Norte e os Kaiapó do Sul. Estes foram há muito extintos, mas tem-se notícias de sua circulação no oeste do estado do São Paulo, sul de Goiás e região do Triângulo Mineiro. Os Kaiapó do Norte viviam no norte de Goiás e sul do Pará.

Por volta de 1900, os Kaiapó habitavam a região de Conceição do Araguaia. Por lá eles apareceram e viveram em relativa harmonia com os habitantes locais. Porém, com a chegada das frentes de exploração de borracha, os índios foram sendo deslocados cada vez mais para o oeste do estado.

O Kaiapó autodenominava-se "Iehengôiro" (no-gente, no-condição ou estado de ser, no Tupi) e (Kre-buraco), e segundo declarações do Sr. Cícero Cavalcanti, antigo sertanista da região e profundo conhecedor destes índios, o nome Kaiapó é de origem Tupi. Nesta língua Kaiapó significa "gente que vive pelo lado aferrô". O homem branco passou a chamar os Kaiapó por este nome que foi aceito com o passar dos anos.

Os remanescentes dos Kaiapó contam hoje com uma população aproximada de 3.000 índios que vivem em treze diferentes aldeias. Na Reserva Indígena Kaiapó estão as aldeias Gonotiro, a maior de todas, com 735 índios; A'Ukro; Kibonkankoin; Kikrotum e Kokratimoro. As aldeias Kibonkoloco e Pacam situam-se às margens do rio Iriri e a aldeia Baú no rio Curupós. Um pouco mais ao norte, na região de Altamira o Harobá estão localizadas as aldeias Karabá, Beajá e Cabotó. Ainda no Parque do Xingu, no estado de Mato Grosso, encontram-se duas aldeias Kaiapó Krotiro e Farina. Os índios destas aldeias são conhecidos como Itanoarimo.

Tradicionalmente, os índios Kaiapó habitam as áreas de campos e florestas. Os índios Kaiapó são profundos conhecedores da região em que vivem, sabendo onde buscar seus alimentos.

Contatadas por volta de 1940, pelo então Serviço de Proteção ao Índio, os Kaiapó sempre foram conhecidos como guerreiros bravios. Contam-se constantes conflitos entre eles e brancos que atuavam em sua área de ocupação, assim como entre eles e outros grupos.

pos indígenas. Esta índole de força e bravura permitiu aos Kaiapó assegurar sua integração física e cultural. Eles são, hoje, um dos únicos grupos que defendem firmemente seu território e seus hábitos tradicionais.

Apesar de inúmeras modificações introduzidas pelo contato com a sociedade nacional, os Kaiapó preservam praticamente todos os aspectos de sua cultura. "O prolongado tempo consumido na preparação de objetos e demorados artefatos, juntamente com a freqüente realização de rituais e festas, parece não refletir a idéia de que o grupo está indo ao ponto de sobreviver como marginal" (Posey, 1979).

#### DIVISÃO DO TRABALHO:

Entre os Kaiapó é nítida a divisão sexual do trabalho. A caça pertence ao domínio do homem e a roça ao da mulher. São ainda tarefas da mulher a preparação dos alimentos, o provimento de água e de lenha, a manutenção do fogo, da casa e, claro, os cuidados com as crianças. Embora esta seja uma tarefa prioritariamente feminina, não raro vemos os pais cuidando de seus filhos, com os quais mantêm uma relação de muito carinho.

No que se refere aos cuidados corporais, as mulheres têm grande importância. São elas que raspam a cabeça e pintam seu cônjuge e seus filhos pequenos. Confeccionam pequenos enfeites de contas, como anéis, colares e pulseiras. As ligas de algodão usadas nos braços e pernas, assim como o "xapê" - Vários fios de algodão tingidos de urucum que usam à tire-colo, também são feitas por elas. O trabalho de fiagem com algodão é exclusivo das mulheres.

Além da caça e da pesca, os homens Kaiapó se ocupam da construção das casas, da preparação dos terrenos para as roças, da confecção de artesanatos e utensílios. Os cocares, arcos, flechas, bordunas, cestos, remos, instrumentos musicais, fusos, esteiras, adornos mais elaborados como colares de conchas, brincos e pulseiras de penas, sempre são confeccionados pelos homens. Eles devem suprir a toda sua família de qualquer desses utensílios. São ainda importantes atividades dos homens a discussão sobre a situação da aldeia e o planejamento das atividades cerimoniais.

O trabalho das crianças também não deve ser desprezado. Os jovens participam das caçadas coletivas, de pescarias e das atividades de extrativismo vegetal. Desde pequenos os meninos colaboram, na medida em que colhem frutos, pescam coletam ovos e pequenos animais. Desta forma, brincando, vão satisfazendo suas necessidades alimentares.

grupos, sua coragem e inteligência, assim como o apoio de parentes e da turma. O chefe deve ter um porte sério e dominar a oratória.

Em cada aldeia existem, geralmente, dois chefes, e cada um possui a sua turma, que lhes dá apoio nas decisões, trabalha em sua roça e age de acordo com suas orientações.

É comum, entre os Kaiapó, ocorrerem cisões dos grupos. Neste caso, um cacique desloca-se com a sua turma para outro local e forma uma nova aldeia. Os motivos para as separações podem ser os mais diversos e, uma vez separados, surge um clima de hostilidade entre as duas aldeias.

A Casa dos Homens, ou o Ngobe, tem papel fundamental na organização social dos Kaiapó. Ali reúnem-se todos os homens da aldeia para ouvir as orientações e decisões dos caciques, organizar festas e reuniões, confeccionar artesanatos, ou simplesmente passar o tempo. Funciona, também, como dormitório para todos os homens solteiros.

Quando atingem a idade de aproximadamente dez anos, o jovem Kaiapó deixa a casa da mãe e passa a dormir no Ngobe. Junto com os homens da aldeia, os meninos vão receber o ensinamento de tudo quanto é necessário para a sua vida na aldeia. Aprenderá a pescar, caçar, andar na mata, confeccionar suas armas e manejá-las. Vai conhecer as árvores, plantas, cipós e seus usos particulares, assim como vai aprender os mitos, canções e rezas tradicionais.

A partir dessa idade não é mais a mãe quem manda na vida do filho, mas o regime centralizado do Ngobe. Nas reuniões, simples bate-papo sobre os acontecimentos do dia, caçadas, etc tem-se a transmissão de costumes e valores culturais tradicionais.

#### ALIMENTAÇÃO:

Os Kaiapó são tradicionalmente caçadores e coletores. A atividade da pesca, antes pouco significativa, visto que habitavam regiões de pequenos igapós, hoje está desenvolvida, representando uma grande fonte de proteína animal.

Na pesca empregam arco e flecha, linha e anzol ou rede. O timbó, prática de envenenamento de peixes com cipós, é empregado apenas na estação seca, em tem valor, sobretudo, cerimonial. Na caça, arco e flecha e borduna estão em desuso. Atualmente, os índios caçam com espingardas. Os principais animais caçados são o porco do mato, a arara, o veado, o macaco, aves e o jabuti, sendo este último o mais apreciado.

As meninas iniciam desde cedo o seu aprendizado doméstico. Acompanham a mãe em todas as atividades possuindo, muitas, um pequeno cesto onde carregam lenha e produtos da roça. Ajudam, também, a fazer os furos de terra. Mas sua maior dedicação é na cuidado com as irmãs menores, o que dá oportunidade às mulheres de desempenharem outras atividades.

Assim como a divisão do trabalho, é importante notar a divisão espacial dentro da aldeia. As aldeias Kaiapó, geralmente, têm a forma redonda, com casas de taipa e coberturas de palha. No centro encontra-se a Casa dos Homens, ou seja, o Ngobe.

As casas pertencem às mulheres. Antigamente, quando as casas eram pequenas tendas de palha eram construídas pelas mulheres. Este é o seu espaço e domínio. Por outro lado, o Ngobe é de domínio exclusivo dos homens e desempenha um papel fundamental na organização social dos Kaiapó.

#### ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Na sua organização social os Kaiapó possuem família extensa matrilineal e matrilinear. A família extensa matrilineal é formada pela morada conjunta de várias famílias nucleares ligadas pela matrilinealidade, ou seja, a mulher mais velha, chefe desta casa que abriga as famílias de suas filhas.

Este sistema dirige vários aspectos da vida social dos índios. Como a descendência está diretamente ligada à família da mãe, é esta quem arranja o casamento dos filhos, visto que somente ela sabe com quem eles poderão casar-se sem transgredir alguma lei de consanguinidade ou proibição imposta pela tradição tribal.

Entre os Kaiapó não pode haver casamento entre irmãos, primos ou cunhados. E a questão torna-se complexa, pois os índios chamam de "pai" a todos os irmãos de seu progenitor, e de "mãe" a todas as irmãs de sua progenitora. Logo, um indivíduo pode ter uma infinidade de irmãos. Quando ocorre um casamento, o homem muda-se para a casa da mãe de sua esposa.

Preferencialmente, também a chefia é transmitida através da linha materna. O chefe, ou "benhadiuro", passaria o cargo para o filho de sua irmã. Porém, a organização social tradicional foi grandemente afetada pelo contato. Hoje existe uma dependência parente nos grupos em relação ao órgão de assistência que interfere nesta órbita. É comum o "capitão" ser indicado por seu relacionamento com os brancos, pelo domínio da língua portuguesa, etc. Mas também é importante, para conseguir o cargo de chefe, sua posição junto ao

As roças são clareiras recindas dentro da mata. Um dos produtos mais cultivados é a mandioca. Curiosamente, os Kaiapó fazem a queimada de suas roças após o plantio dos tubérculos. Outros produtos cultivados são o milho, banana, abóbora, mamão, melancia, oca de açúcar e mandioca, que é praticamente toda transformada em farinha.

Com a farinha de mandioca os índios fazem um dos seus pratos preferidos, ou seja, o "baraxubu". Espalham a farinha sobre uma folha de bananeira que, depois de enrolada, vai para o forno de terra. Depois de assada fica parecendo uma espécie de bolo. Pode também ser recheado com carne ou peixe.

A gaa, bacaba, palmitos, cocos, frutas e mel são produtos coletados que completam o regime alimentar dos índios. O mel é apreciadíssimo pelos Kaiapó. Eles mantêm uma relação muito forte com as abelhas respeitando-as não só como produtoras desse rico alimento, mas sobretudo pela sua organização. Acreditam que sua estrutura social foi baseada na das abelhas tanto no que diz respeito à organização social, quanto na valentia e agressividade de tais insetos, que teriam inspirado a índole dos guerreiros.

Os Kaiapó também plantam algodão, tabaco, urucum, assim como interferem na expansão de espécies como pequi, castanha do pará e diversas árvores frutíferas. Devemos aos grupos indígenas em geral, a domesticação de muitos produtos atualmente presentes na alimentação de diversos povos. Além da batata, mandioca, abacaxi, milho, eles cultivaram o algodão, amendoim, tomate, pimenta, caju, araruta, entre outros.

#### ADORNOS E PINTURAS:

Os detalhes da pintura corporal dos Kaiapó expressam a sua estrutura social, os seus valores e o papel de cada um no seio da sociedade indígena. Da mesma forma, tal identidade social é expressa através dos adornos e do corte de cabelo.

Hoje, os índios Kaiapó vestem roupas, mas tradicionalmente, a pintura e os adornos do corpo representam este papel. As mulheres, principalmente as mais jovens, e as crianças estão sempre pintadas. Suas pinturas são bastante elaboradas, feitas com um palito comprido que serve de pincel. Os homens, ao contrário das mulheres, nem sempre se pintam e, geralmente, sua pintura é simples, feita com o dedo. Em ocasiões de festas, todos se pintam.

A "pintora" é sempre do sexo feminino, geralmente a mãe ou a irmã mais velha. A tinta é de carvão com suco de jenipapo e é quase indelével. Usa-se também o urucum misturado a algum óleo. O jenipapo é usado em pinturas no corpo todo, enquanto que o urucum é empregado apenas nos braços e nos pés. Todos os tipos de pintura têm nomes e respeitam uma

empregado apenas nas faces e nos pés. Todos os tipos de pintura têm nomes e respeitam uma organização tanto a nível de padrão de desenho, quanto de ocasião.

Além das tintas, os índios empregam para enfeitar o corpo, penas, palha, conchas e, ultimamente, as miçangas. Os adornos, mais que mera questão de vaidade, representam a compreensão que eles têm de sua estrutura social, crenças religiosas, manifestações biológicas e de relação com a natureza.

As ligas de algodão usadas nos braços e nas pernas representam bem esta idéia. Estas ligas são confeccionadas tecendo-se os fios de algodão ao redor de um bambu de forma que quando usadas fiquem bem justas. Podem ser simplesmente de algodão ou adornadas de miçangas. Porém, não são apenas enfeites. Elas ajudam a endurecer os músculos fazendo com que índios e índias fiquem de braços e pernas fortes. Dão beleza de forma a seus membros, além de ter importante significação simbólica.

Entre os adornos mais usados estão as ligas, colares e brincos de miçangas, brincos de madrepérola, colares e pulseiras de dentes de animais. Os colares de madrepérola e cocares de penas são adornos exclusivamente masculinos. No entanto, os cocares do tipo "koko-kvoti", que são armados em arco de cipó, são usados somente pelas mulheres.

Quando nascem as crianças, os índios Kaiapó perfuram os lóbulos de suas orelhas e introduzem brincos de pau, em forma de pequenos charutes. Estes brincos têm tamanhos variados e vão sendo trocados gradativamente a fim de distender o orifício. No caso de bebês do sexo masculino é feito também um furo no lábio inferior onde, outrora, introduzia-se o tubo, ou "koko-kako". Hoje, o furo labial é diminuto e, quando pequenos os meninos usam o "koko-kako" de miçangas.

Os índios de ambos os sexos arrancam as pestanas, rasparam as sobrancelhas, depilam as axilas e órgãos genitais. O corte tradicional dos cabelos é raspado da fronte até o alto da cabeça deixando o resto longo. Há ocasiões especiais, como casamento, festas, luto, quando os homens usam a cabeça inteiramente raspada.

Para os índios, o corte de cabelo não é uma questão de aparência pessoal como é para os brancos. Em cada sociedade tribal, os cabelos apresentam-se como forma indicativa de sexo, idade, "status" e papel de cada um dentro do grupo. Cortar ou pentear os cabelos de forma que estes tomem a forma ditada pela sua cultura é antes de tudo, um sinal de integração.

MITOS E CONTOS DOS ÍNDIOS KATAPÓ (GRUPO KUBENKRANKETIN)

-- ALFRED MÉTRADX

DESCIDA DOS HOMENS À TERRA.

Antigamente, todos os homens viviam no céu. Alguns ainda estão lá e são as estrelas.

No tempo da vida celeste, um velho que saíra para caçar viu um tatu e começou a persegui-lo. O tatu enfiou-se na terra e o homem cavou tão rápido quanto pôde para tentar pegá-lo. Cavou durante todo o dia sem conseguir pegar o tatu. Voltou para casa, mas retornou no dia seguinte para cavar novamente. Ele dizia para sua esposa "Vou pegar este tatu." Assim, cavou durante oito dias e ia alcançando o tatu quando este caiu no buraco. O velho o viu descer como um avião, cair num grande campo e escapar em direção da floresta. O homem alargou o buraco para poder olhar para baixo, mas o vento ficou tão forte que o jogou novamente para a superfície. O vento continuava a soprar pelo buraco e o aumentava cada vez mais.

Quando o homem voltou para a aldeia perguntaram-lhe: "Onde está o tatu?" "Ele caiu em uma outra terra embaixo de nós, uma terra que tem belos campos e que não é como a nossa, coberta de florestas. Mas o vento soprou e me trouxe aqui". A história espalhou-se até a Casa dos Homens. Os homens enviaram um rapaz para procurar o velho a fim de que este contasse o que lhe acontecera. A assembleia decidiu ir ver o buraco. O vento o havia alargado e os belos campos estavam visíveis.

Tomados de vontade de descer, os homens reuniram na casa dos homens todas as cordas que possuíam. Fizeram uma única corda que tentaram experimentar no dia seguinte, mas era ainda muito curta e eles chegaram apenas na metade do caminho.

Com outros pedaços, os homens aumentaram a corda até que ela fosse longa o suficiente para atingir a terra. Um jovem ofereceu-se para descer primeiro. Eles o amarraram bem e o fizeram escorregar pela corda. O vento o empurrava de um lado para o outro. Enfim, ele chegou nos campos, achou-os belos e subiu.

No céu, ele disse: "Lá embaixo os campos são belos, desçamos para viver lá." Fizeram-no descer novamente e ele amarrou a extremidade da corda em uma árvore. Então, homens, mulheres e crianças escorregaram ao longo da corda. Pareciam formigas descendo por um tronco. Vários não ousaram descer e preferiram continuar no céu. Eles cortaram a corda para evitar uma nova descida.

## ORIGEM DA CHUVA E DO RAIO

Um grupo de jovens que saíra para caçar matou uma anta. Entre eles estava um homem chamado Bepkororoti que foi encarregado de esquartejar o animal e retirar-lhe as tripas. Enquanto que na beira do rio ele lavava os intestinos, os outros bagadeiros dividiram entre si toda a carne, deixando-lhe apenas duas patas. Bepkororoti protestou e zangou-se, mas não fez nada.

Quando voltou para casa pediu a sua mulher para raspar-lhe a cabeça e pintá-la de urucum e jenipapo. Explicou-lhes: "Me encarregaram de tirar as tripas e me deram apenas as patas. Estou com raiva. Vá subir naquela montanha. Quando tu veres uma nuvem preta não venhas, esconde-te."

Preparou um arco e flechas e uma grande e pesada borduna cuja extremidade untou com sangue de anta. Levou junto com ele seu filho e subiu a montanha. Lá no alto começou a gritar como um bando de porcos. Escutando o barulho, os índios correram para caçar os animais. Mas então, um relâmpago varreu o céu, o trovão estrondou, Bepkororoti fez cair a chuva e o raio que matou muitas pessoas. Ele e seu filho subiram para o céu.

## A FILHA DA CHUVA E A ORIGEM DAS PLANTAS CULTIVADAS.

No céu, Bepkororoti casou-se novamente com a chuva e teve uma filha, Na-kra (Na-chuva e kra-filho). As duas mulheres brigaram e a mãe bateu na filha. Esta, zangada, desceu para a terra.

Por um caminho da floresta, um grupo de índios avançava. Um deles separou-se para urinar e percebeu, então, Na-kra que o observava, escondida atrás de uma árvore. "Quem é você?" perguntou ele. "Eu sou a filha da chuva. Briguei com minha mãe, ela me bateu e eu vim para cá". Ngodyure, era este o nome do homem, a fez entrar em uma grande cabaça a qual fechou cuidadosamente e transportou para casa. Ele recomendou a seus pais de nunca necherem naquela cabaça e a colocou sobre uma prateleira. De noite, ele tirava Na-kra de lá e dormia com ela.

A mãe de Ngodyure desconfiava que uma mulher dividia a cama com seu filho, mas não conseguia vê-la. Um dia em que o jovem havia saído para caçar ela abriu a cabaça e viu ali uma mulher de cabelos longos, toda branca e que estava de cabeça baixa. "De onde você vem?" perguntou a mãe. "Do céu", respondeu Na-kra. A mãe a fez sentar-se sobre uma soberta, raspou-lhe a cabeça com uma lâmina de taboca e pintou-a com jenipapo e urucum.



Na-lara permaneceu sentada na cobertura de seu marido até o seu retorno. Quando voltou, Ngodyure ficou com ódio e perguntou quem abeira a cabeça. "Fui eu", confessou a mãe. "Essa mulher tinha os cabelos longos e era toda branca. Eu raspei sua cabeça e a pintei com jenipapo e urucum".

Na-lara ficou grávida e teve um menino. A oxiranga estava sempre com fome. Naquela tempo, as pessoas comiam apenas madeira apodrecida e frutas. A jovem mãe resolveu sair para procurar batatas, mandioca e bananas. Com o marido e o filho, ela foi até ao bosque de buriti. Lá, disse a Ngodyure para esperá-la embaixo de uma árvore e subiu num pé de buriti para atingir o céu. Ngodyure esperou por muito tempo e acabou pensando que sua mulher não retornaria mais.

Preparava-se para voltar para a casa quando a viu retornar com um cesto cheio de raízes. Ela estava acompanhada de três mulheres e três homens, sendo um deles o seu pai, Bepkorroti. Este falou a seu genro: "Você desposou minha filha descida do céu. Ela irá morar contigo desde que tu não batas nela. Graças a ela tu poderás comer em abundância batatas, abóboras e bananas. Mas, acima de tudo, não batas nela". Com estas palavras, ele transformou-se em chuva e subiu para o céu. O casal retornou à aldeia carregado de coisas boas. Fizaram uma grande roça onde plantaram todos os tipos de espécies.

( estes contos foram extraídos do texto publicado na Revista do Museu Paulista, N.º 5, Vol. XII, 1960 e traduzidos do francês por Wilma Leitão )

HOBIENS CONSOLIDADAS

OS KAYAPÓ-GOROTIRE -- Edison Soares Diniz. Boletim do Museu Goeldi -- Série Antropologia, nº18. 1962.

KAYAPÓ CONTROLA O INÍCIO COM USO ADEQUADO DO AMBIENTE -- Darrel Pesay. Revista de Atualidade Indígena, ano III, nº14. Brasília. 1979.

O ÍNDIO KAYAPÓ EM SEU ACAMPAMENTO -- Horace Barner. Boletim do Museu Goeldi -- Série Antropologia, nº13. 1961.

Material elaborado por Wilma Leitão -- Administração Regional de Resenção/4ªSUBER/FUNAI